

CONEXÕES NO MEDITERRÂNEO ORIENTAL: EGITO E CRETA NO BRONZE MÉDIO E INÍCIO DO BRONZE TARDIO (2000-1400 A.C.).

CONNECTIONS IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: EGYPT AND CRETE FROM MIDDLE TO EARLY LATE BRONZE AGE (2000-1400 A.C.).

Maria Thereza David João¹⁰¹

Artigo recebido em 29 de julho de 2025

Artigo aceito em 12 de junho de 2025

Resumo: A partir de inquietações suscitadas pelo olhar da História Global sobre a História Antiga, este artigo apresenta o estado da arte de pesquisas sobre as interações entre Egito e Creta no Bronze Médio e início do Bronze Tardio (2000-1400 a.C.). Busca-se, assim, avaliar avanços e limites das interpretações disponíveis, assim como novas direções consoantes a debates contemporâneos.

Palavra-chave: Egito. Egeu. Mediterrâneo Oriental.

Abstract: Inspired by Global History's perspective on Ancient History, this article presents a review of current research on interactions between Egypt and Crete during the Middle Bronze Age and the early stages of the Late Bronze Age (2000-1400 a.C.). It assesses the advances and limitations of existing interpretations and proposes directions for future research aligned with contemporary debates.

Keyword: Aegean. Egypt. Eastern Mediterranean.

Introdução¹⁰²

As relações entre o Egito e o Egeu são conhecidas desde, pelo menos, os anos 1880-1890, momento em que historiadores e arqueólogos do Egeu interessavam-se, em sua maioria, em traçar as origens da civilização grega, visando sobretudo fortalecer uma narrativa de continuidade civilizacional que legitimava as potências europeias do período como herdeiras do mundo antigo. Neste caso, a Grécia aparecia como ponto

¹⁰¹ Maria Thereza David João é doutora em História Social (USP), com pesquisa sobre Egito Antigo. Atualmente é professora adjunta de História Antiga e de História Medieval na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de Paranaguá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0249-1910> E-mail: maria.joao@unespar.edu.br

¹⁰² Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Fábio Frizzo, da UFTM, que gentilmente auxiliou na revisão final deste artigo, com cuidadosas observações.

de partida idealizado de certos valores e tradições que poderiam ser enquadradas como antecessores diretos da Europa moderna, tais como a liberdade e a democracia. No século XIX, esta narrativa aparecia condensada em pelo menos duas correntes distintas, que prezavam ora por uma origem singular dos micênicos, ora por sua origem semítica, derivada dos povos orientais, marcando o debate entre os “orientalistas”, partidários de uma teoria difusionista, e os “ocidentalistas”, ligados à teoria do evolucionismo (VERCOUTTER, 1954; DAUTAIS, 2025)¹⁰³.

Longe de serem excludentes, ambas as vertentes eram pautadas em lógicas eurocêntricas e coloniais. Se, por um lado, o Egito era visto como uma civilização influente, um “berço” capaz de originar sociedades como a minoica e a micênica, tal vitalidade teria sido, posteriormente, substituída e aperfeiçoada pelos gregos, consolidando uma forma de se compreender a História Antiga como “corrida de revezamento” (GUARINELLO, 2003, p. 52).

Um dos partidários do lado “ocidentalista” do debate foi Sir Arthur Evans, que conduziu as primeiras escavações no Palácio de Cnossos, em Creta. O arqueólogo é considerado o “descobridor” dos minoicos, interpretados por ele como sendo os principais agentes do comércio no Egeu por meio de uma talassocracia¹⁰⁴. Na ocasião, ele e sua equipe encontraram uma grande quantidade de artefatos egípcios e “egipcianizados” no local, como vasos de alabastro feitos em estilo egípcio, e os resultados das escavações foram publicados em uma série de quatro volumes entre as décadas de 20 e 30 (EVANS, 1921-1935). Estas descobertas contribuíram para colocar, definitivamente, as relações entre o mundo egeu e os habitantes do Egito no radar dos especialistas.

Os primeiros contatos entre egípcios e povos do Egeu deram-se por intermédio dos minoicos e podem ser identificados, de forma esporádica, já no terceiro milênio a.C. (STEEL, 2007). Durante a Era do Bronze, o que entendemos como “mundo egeu” era composto pela história dos povos que habitavam a Grécia continental, as ilhas Cíclades e Creta. Apesar da centralidade que o Bronze Recente (c. 1600–1200 a.C.)

¹⁰³ Como observa Cline (1990-1991) este tipo de discussão voltou a ser alvo maior de debate ao final dos anos 80 a partir da publicação dos três volumes de *Black Athena*, de Martin Bernal (1987).

¹⁰⁴ A ideia de uma talassocracia minoica encontra-se, atualmente, em desuso, mas influenciou uma série de pesquisadores importantes, como Hägg e Marinatos (1984).

adquiriu nos estudos ao longo das últimas décadas, com ênfase nos intercâmbios diplomáticos e no colapso das redes palacianas, é no Bronze Médio (c. 2000–1600 a.C.) que emergem as primeiras evidências de contatos sistemáticos entre egípcios e minoicos, expressas tanto na cultura material quanto na iconografia e nas práticas de trocas de bens de prestígio entre suas elites.

Este período é marcado por uma reorganização das estruturas políticas tanto no Egito quanto no Egeu. No Egito, seu início corresponde ao fim do Reino Médio (2040-1640 a.C.) e Segundo Período Intermediário (1640-1532 a.C.), marcado pela presença hicsa no delta; em Creta, coincide com a formação dos sistemas palaciais minoicos em cidades como Cnossos, Festos e Malia. Ambos os processos abriram novas possibilidades de contato, como atestam, por exemplo, afrescos, achados de cerâmica e outros objetos minoicos ou com clara influência minoica em contextos egípcios (*protohellenica*) e objetos egípcios ou “egipcianizados”, como escaravelhos, em Creta (*aegyptiaca*).

Os debates acerca destas interações partiram, majoritariamente, da Arqueologia do Mediterrâneo e dos estudos de História da Arte, com pouca interlocução com o campo da Egptologia. Nesses estudos, o recorte cronológico do Bronze Médio permanece relativamente marginal, uma vez que as análises tendem a privilegiar o sistema regional consolidado no Bronze Recente e o subsequente impacto do colapso das redes palacianas na desintegração deste mesmo sistema, o que impede a compreensão plena das dinâmicas de longa duração que estruturaram diferentes níveis de relação no Mediterrâneo oriental.

Ainda, cabe salientar que a maior parte dos estudos que analisaram as relações entre o Egito e o Egeu partiram de tipologias específicas de documentos, como iconografia, textos ou cultura material. A análise isolada dos tipos documentais, somada à ausência de um exame diacrônico e à compartimentalização disciplinar, com especialistas em Egeu e Egito trabalhando isoladamente em seus respectivos materiais, prejudicam o entendimento pleno das interações entre essas regiões. Isso se deve porque tais abordagens fragmentadas tenderam a produzir recortes muito pontuais, a exemplo de trocas de objetos específicos, como os famosos escaravelhos, ou de representações iconográficas, como formas geométricas minoicas em decoração

egípcia, em detrimento de análises mais voltadas a reconstruir a continuidade, as mudanças ou mesmo as rupturas nas dinâmicas de interação ao longo do tempo.

Algumas exceções, como o trabalho de Fritz Schachermeyer publicado na década de 60, passaram a destacar, ainda que de forma incipiente, a importância da interconectividade e da agência múltipla das sociedades do Bronze Médio. O autor, embora partidário da tese de que o desenvolvimento das sociedades egeias só ocorreu por meio do contato e da influência do Oriente, sinalizava para a importância dos contatos mútuos entre as diversas sociedades das bordas do Mediterrâneo Oriental, usando como exemplo o Egito, que dependia de forma aguda da importação de madeira de construção, vinda do Líbano, Chipre e Creta, ao mesmo tempo em que “fornecia aos outros países mediterrâneos ouro, marfim e, em certos períodos, cereais. Chipre oferecia cobre, o Egeu, azeite e vinho, e a Ásia Menor, prata” (SCHACHERMEYER, 1967, p. 9).

Diante destas considerações e a partir da abordagem propiciada pela História Global e de suas confluências com a História Antiga (DA SILVA e MORALES, 2020) foi pensado um projeto de pesquisa¹⁰⁵, visando analisar criticamente as evidências arqueológicas, textuais e iconográficas que atestam as relações entre o Egito e o mundo egeu, com ênfase no recorte cronológico correspondente ao Bronze Médio (2000-1600 a.C.) e ao Bronze Tardio (1600-1200 a.C.). Este artigo objetiva apresentar um panorama de algumas das principais interpretações existentes acerca das interações entre egípcios e povos do Egeu no mencionado período, mas limitando-se ao contexto inicial do Bronze Tardio (século XV e início do XIV). Por meio de uma consideração crítica da literatura existente pretende-se, também, ofertar possíveis encaminhamentos que auxiliem a pensar as referidas relações considerando as possibilidades e limites abertos pelo enfoque da História Global.

Por fim, cabe salientar que a extensão e a natureza das relações específicas entre o mundo egeu e os egípcios é tão importante que até mesmo a cronologia egeia, que data o desenvolvimento das civilizações proto-históricas na região, parte fundamentalmente da arqueologia destes contatos¹⁰⁶. Para fins deste artigo, o foco

¹⁰⁵ Projeto atualmente em andamento na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de Paranaguá.

¹⁰⁶ A cronologia egeia baseia-se inicialmente na estratigrafia e na tipologia cerâmica definidas por Sir Arthur Evans, estruturando-se em três fases (Antigo, Médio e Tardio), subdivididas em I, II, III e A, B,

será na análise de trabalhos que privilegiaram o recorte cronológico e histórico, e não a análise de tipologias específicas de artefatos para situar as relações egípcio-egeias, buscando avaliar a forma como se davam essas trocas.

Entre egípcios e minoicos

Uma síntese de toda a produção acerca das relações entre o Egito e o Egeu é tarefa bastante desafiadora, especialmente no espaço que nos cabe neste artigo. Esta dificuldade se deve não apenas ao grande volume de trabalhos publicados ao longo de pelo menos um século, mas também à diversidade de abordagens teóricas e metodológicas adotadas. Trata-se de um campo marcado pela multidisciplinaridade e pela pluralidade dos tipos de fontes, o que acarreta a existência de diferentes modelos interpretativos que acabam por dificultar a elaboração de uma visão consensual ou unificada sobre o tema. Embora seja difícil produzir uma síntese sobre toda a produção sobre as relações entre o Egito e o Egeu, há alguns trabalhos seminais que influenciaram de forma decisiva o olhar acerca destes contatos, os quais serão referenciados ao longo deste artigo.

De acordo com Eric Cline (2023), a extensão das redes comerciais egeias no Oriente Próximo pode ser observada já no século XVIII a.C., uma vez que itens em estilo “caftorita”¹⁰⁷ são mencionados nos arquivos de Mari, região localizada na atual Síria. Cerâmicas e objetos minoicos, além de elementos que atestam a influência artística da ilha, foram encontrados também em Israel, Chipre e Iraque, apontando para a existência de um comércio de larga escala levado a cabo pelos cretenses.

C, aplicáveis a Creta (Minoico), ilhas (Cicládico) e continente (Heládico). A cronologia minoica relativa compreende os períodos Minoico Antigo (I–III), Minoico Médio (IA–III) e Minoico Tardio (IA–IIIC). Com o tempo, evidências externas, como objetos egípcios em contextos egeus e datações por radiocarbono, permitiram ajustes e o estabelecimento de uma cronologia absoluta, sobretudo para o Minoico Tardio. Devido à ausência de fontes escritas locais, a cronologia egeia depende fortemente da egípcia, que oferece marcos mais sólidos. Paralelamente, há uma cronologia baseada nos palácios cretenses: o Pré-Palacial (Minoico Antigo) corresponde ao Período Dinástico Inicial ao Primeiro Período Intermediário egípcio; o Protopalacial (Minoico Médio) ao Reino Médio; e o Neopalacial (Minoico Tardio) ao Segundo Período Intermediário e à 18ª dinastia. A discussão permanece aberta devido a propostas como a alta cronologia, que antecipa eventos como a erupção de Tera. Para aprofundar nas discussões sobre cronologia, cf. WARREN e HANKEY, 1989 e DAVIS, 2008.

¹⁰⁷ O termo é oriundo da palavra egípcia *kftiu* (*keftiu*), usada para se referir aos habitantes do “grande verde”, como o Mar Mediterrâneo era conhecido nessa sociedade e é associada aos habitantes de Creta.

No período correspondente ao Reino Antigo egípcio (2575-2150 a.C.), os contatos entre Egito e Creta eram realizados majoritariamente com Cnossos, único sítio cretense com características proto-urbanas já no terceiro milênio a.C. (WARREN, 1981), restringindo-se basicamente à importação de matérias-primas. Ao longo do segundo milênio estas relações vão se complexificando até que, durante o controle hicsu sobre o delta egípcio, ganharam contornos mais políticos e simbólicos, tendo se perpetuado para além da destruição da capital, Avaris, por volta de 1532 a.C.¹⁰⁸. O período mais intenso de contatos, contudo, inicia-se a partir dos reinados de Hatshepsut e Tutmés III. A hipótese mais aceita é a de que, nesse período, esses contatos tenham sido realizados de forma direta, tanto por mercadores independentes quanto por intermédio dos palácios.

No que tange à influência egípcia em Creta, a primeira tentativa de sistematizar o que foi encontrado na ilha deu-se com Sir Arthur Evans após suas escavações em Cnossos. O sucessor de Evans, o arqueólogo J.D.S. Pendlebury, atualizou e catalogou todos os objetos egípcios e “egipcianizados” encontrados em Creta em sua *Aegyptiaca* (PENDLEBURY, 1930). Uma nova versão desses achados, que revisa todo o material conhecido até o início do século XXI, serve atualmente como referência incontestável para os estudos que pretendem analisar as influências egípcias em Creta (PHILLIPS, 2008). Já no que diz respeito aos achados cretenses no Egito no recorte que interessa a este trabalho, estes se encontram de forma menos sistematizada. Há textos e representações de emissários diplomáticos egeus em tumbas tebanas da XVIII dinastia¹⁰⁹, além de registros arqueológicos e iconográficos encontrados, por exemplo, no sítio de Avaris (BIETAK, 1993) e catálogos contendo estudos sobre cerâmica egeia no Egito (KEMP e MERRILLLES, 1980).

¹⁰⁸ As evidências provenientes de Avaris, atual Tell el-Dab'a, que consistem basicamente em frescos com motivos minoicos, foram reveladas por escavações da equipe austríaca liderada por Manfred Bietak e têm servido como uma das principais bases de estudo para analisar as interações entre o Egito e o Egeu no segundo milênio a.C. (cf. BIETAK, 1993).

¹⁰⁹ Entre os reinados de Hatshepsut e Amenófis III foram encontradas oito tumbas com representações deste tipo: a de Senenmut (TT 71); de Puimre (TT 39); de Intef (TT 155); de Useramun (TT 131); de Menkheperresenb (TT 86); de Rekhmire (TT 100); de Amenemhab (TT 85) e de Amenmose (TT 89), que representam delegações estrangeiras, dentre eles os *keftiu*, carregando bens de prestígio. Os itens luxuosos mostrados nas cenas não correspondem a achados reais e isto pode ser explicado por saques, descartes, derretimento e outras ações que impediram que sobrevivessem até nós (MATIC, 2025).

Diante da diversidade dos registros, Peter Warren (1995) propôs uma classificação para entender as relações entre egípcios e minoicos, partindo primeiramente de uma organização cronológica das evidências desses contatos e sua posterior divisão em quatro grupos. O primeiro inclui matérias-primas e produtos comerciais, como ouro, marfim e pedras preciosas vindos do Egito, e chifres de cabra e produtos vegetais de Creta, além de manufaturados como tecidos cretenses e ânforas egípcias. O segundo grupo reúne materiais políticos ou diplomáticos, como vasos de alabastro com inscrições régias, usados como presentes para consolidar trocas e relações. O terceiro é o que o autor classifica como material simbólico, que seria revelador de influências políticas, religiosas ou artísticas, exemplificado por objetos “egeunizados” ou “egipcianizados”, como o sistro de Arkhanes¹¹⁰. Por fim, o quarto grupo é formado por materiais secundários que acompanhavam o comércio principal, como escaravelhos¹¹¹ e algumas miudezas.

O modelo proposto por Warren sinaliza que as relações entre egípcios e minoicos devem ser compreendidas não apenas como comércio em sentido estrito, mas como um sistema de contatos que operava em diversos níveis e que articulava esferas econômicas, políticas e culturais¹¹². No entanto, esta classificação apresenta limites importantes e sinaliza para um problema generalizado que pode ser identificado nos estudos acerca das relações egípcio-egeias, que é a concentração da análise nos objetos em si, com pouca atenção aos agentes envolvidos nas trocas, às redes que permitiram sua circulação ou aos contextos concretos de uso, que também envolvem as possíveis reinterpretações que estes mesmos objetos e motivos artísticos sofreram ao serem inseridos em novos contextos culturais.

Parte do problema ocorre porque, em princípio, os contatos egípcio-egeus foram pensados sob um viés da história da arte que se limitava a uma análise estilística dos motivos egípcios encontrados em Creta e vice-versa. Tentativas de superação destas

¹¹⁰ Trata-se de um sistro minoico inspirado em modelo egípcio, tradicionalmente associado ao culto da deusa Hathor, encontrado no cemitério de Arkhanes, em Phourni. Este é um dos objetos que melhor ilustram as trocas culturais entre estas duas sociedades.

¹¹¹ Em relação aos escaravelhos, tem-se aqui um exemplo de como as categorias de Warren podem se sobrepor, uma vez que a produção destes itens é, também, importante para compreender como objetos e símbolos egípcios eram reinterpretados pela cultura minoica.

¹¹² Dautais (2025) classifica essas relações como “polimórficas”.

abordagens podem ser encontradas, ainda que de forma limitada, já no trabalho seminal de Helene Kantor intitulado *The Aegean and the Orient in the Second Millennium B.C.* (KANTOR, 1947). Esta obra foi importantíssima por sugerir que as evidências de contatos entre o Egeu e o Antigo Oriente Próximo não se resumiam a imitações ou à influência artística. As contribuições de Kantor, pautadas tanto na Arqueologia histórico-cultural quanto em referenciais da História da Arte, influenciaram uma geração posterior de estudiosos que também se dedicaram ao estudo de motivos minoicos encontrados fora de Creta e em motivos “estrangeiros”, como os egípcios, encontrados na ilha (SMITH, 1965; CROWLEY, 1989).

No âmbito específico da Egíptologia, J. Vercoutter (1956) foi um dos primeiros a se dedicar especificamente à análise das relações entre o Egito e o mundo proto-histórico do Egeu. Se, do lado dos especialistas em Egeu a análise focou-se, sobretudo, em cerâmicas e outros artefatos presentes em ambos os contextos, Vercoutter analisou um outro conjunto importante de registros que atestam estas relações. Trata-se das já referidas tumbas tebanas da XVIII dinastia egípcia, como as de Useramun e Rekhmire, nas quais estrangeiros como núbios, asiáticos e minoicos ou micênicos, são representados em procissões, trazendo presentes para o faraó, os quais incluíam de vasos a adagas¹¹³. Até então, as análises das representações de delegações estrangeiras em tumbas datadas entre Hatshepsut e Amenófis III rejeitavam a validade histórica destes registros (WACHSMANN, 1987), compreendendo-as como representações canônicas que serviam como peças propagandísticas imbuídas de um senso de superioridade étnica que teria feito com que os povos do Egeu fossem representados como tributários do Egito. Vercoutter foi o primeiro a analisar essas iconografias em relação ao contexto egípcio e à trajetória dos donos das tumbas, concluindo que o recebimento de tributos retratado nas imagens, embora influenciado pelo cânone artístico, era uma função ligada ao cargo de vizir, exercido tanto por Useramun quanto por Rekhmire. Sendo assim, reforçou-se a teoria de que egípcios e minoicos teriam mantido relações diplomáticas a partir de seus respectivos palácios, os quais também mediarão os contatos comerciais.

¹¹³ Uma análise mais recente das representações de objetos portados por emissários egeus nessas tumbas (especificamente a de Senenmut) pode ser encontrada em MATIC, 2015.

Esta interpretação, contudo, ainda é objeto de debate. Na década de 80, a análise de cerâmicas minoicas encontradas no Egito feita por Kemp e Merrillees (1980), tendo como método de base a estratigrafia, concluiu que sua presença estava associada a contextos fechados e socialmente seletivos, tais como tumbas, depósitos votivos e residências de elite. Isto sugeriria, portanto, processos de importação intencionais, em que a cerâmica minoica teria sido apropriada por elites egípcias dentro de dinâmicas internas de distinção social. Para os autores, não há indícios suficientes que atestem a presença institucionalizada de agentes minoicos no Egito como responsáveis por esse comércio.

As divergências de interpretação podem, em parte, ser explicadas pela querela entre modernistas (formalistas) e primitivistas que, de alguma forma, também tiveram impacto na Egiptologia. Os primitivistas, influenciados pelos pressupostos de Karl Polanyi (2000) e suas ideias sobre redistribuição e reciprocidade, negam a importância das atividades comerciais no mundo antigo e passaram a enxergar a forma como Creta se integra às civilizações do Antigo Oriente Próximo pelo viés diplomático da troca de “presentes”. Já os formalistas e, mais especificamente, Barry Kemp¹¹⁴, tendem a “conceder grande importância ao setor privado e aos mecanismos do mercado na economia egípcia” (CARDOSO, 2003, p. 164), como é possível observar a partir de suas considerações sobre a natureza das trocas entre egípcios e povos do Egeu.

Conectividade no Mediterrâneo Oriental

Os reinados de Hatshepsut e de Tutmés III situam-se na origem de um sistema regional que, no Bronze Tardio, conectava povos que iam do Egeu ao planalto iraniano. Se o século XV a.C. foi o “período que testemunhou o surgimento das conexões internacionais de maneira sustentada por todo o mundo Mediterrâneo antigo, do Egeu até a Mesopotâmia” (CLINE, 2023, p.58), a “idade de ouro” deste sistema marcado pela intensificação das relações diplomáticas e comerciais entre os povos da região acontece somente no século XIV a.C., tendo o Egito como um de seus principais

¹¹⁴ De acordo com Cardoso (2003), Kemp adota um tipo de formalismo “especial” e não ortodoxo, posto que não nega especificidades na economia do Egito Antigo.

protagonistas¹¹⁵. No que toca, especificamente, as relações entre o Egito e o Egeu, é a partir de Hatschepsut que podemos verificar a intensificação e maior regularidade de trocas com a região, que aparecem inseridas em um contexto de expansão do Estado egípcio no Levante (FRIZZO, 2008), o que ampliou rotas e vínculos que acabaram, também, por facilitar o contato com o Egeu.

Muito embora já se reconhecesse o Chipre e regiões do Levante como importantes intermediários do comércio no Mediterrâneo Oriental durante a Era do Bronze, especialmente no tocante ao comércio de estanho e cobre (ALLEGRETTE, 1993), é por meio da análise de W. Ward que se realçou a existência de conexões envolvendo o Egito e o Egeu “provavelmente intermediadas por terceiros” (WARD, 1971, p.119). A presença de cerâmica minoica e micênica em sítios cipriotas e levantinos em quantidades muitas vezes superiores às encontradas no Egito, assim como achados de objetos egípcios nestas mesmas localidades, permitem inferir uma provável condição destes sítios como entrepostos comerciais. Isto nos ajuda a compreender que as relações entre Egito e Creta possuíam naturezas diversas uma vez que, como demonstrado anteriormente, há também registros que atestam a existência de relações bilaterais entre as duas regiões a partir de comércio direto e expedições diplomáticas. A descoberta dos afrescos minoicos na cidade egípcia de Avaris por Manfred Bietak e sua equipe também sugerem intercâmbio técnico-artístico direto entre as duas localidades.

A partir da década de 90, um novo paradigma historiográfico, de base braudeliana, passa a influenciar o olhar acerca dos contatos entre diferentes povos da bacia do Mediterrâneo. Se, antes, prevalecia o modelo políade de Finley (1980), baseado na existência de cidades consumidoras e numa lógica estaque de seus contatos, a nova abordagem coloca a conectividade no centro da análise, especialmente em virtude do processo de globalização que avançava no período em que surgiu. Um marco deste tipo de interpretação é o trabalho de Horden e Purcell (2000), que se aproveita da abertura propiciada por abordagens anteriores, como aquelas do sistema-mundo, e defende a ideia de um Mediterrâneo como espaço de

¹¹⁵ A visão de que os egípcios constituíram, no século XIV, um verdadeiro império no Levante e que dominavam o Mediterrâneo Oriental é alvo de controvérsias. Um resumo da discussão pode ser encontrado em KNAPP, 1993.

conexões. A abordagem sofreu várias críticas (MORRIS, 2003; HARRIS, 2005), sobretudo no que diz respeito à “mediterraneização”, mas foi ponto de partida importante para se repensar a história do Mediterrâneo antigo.

Especificamente sobre as relações econômicas entre o Egeu e do Mediterrâneo Oriental, Juliana Manzoni afirma que o primitivismo de análises como a de Finley, aliado aos pressupostos de Karl Polanyi, ainda é influente entre os pesquisadores do Egeu, “onde as distâncias curtas, redistribuição e troca continuam a ser entendidas como mais importantes do que o movimento de bens a longa distância através do comércio” (MONZANI, 2019, p. 398). Como tentativa de superação desses debates, A. Sheratt e S. Sheratt (1991) propuseram uma abordagem para o Egeu na Idade do Bronze combinando o modelo de sistema-mundo com a ideia de consumo ostentatório de Sombart (1966). Em oposição à visão weberiana, que via as sociedades antigas como agrárias e com pouco ou nenhum comércio estruturado, os autores destacaram o papel fundamental do desejo por bens de luxo no fomento às trocas, no estímulo à criação de oficinas especializadas e no desenvolvimento de redes comerciais dinâmicas. Isso teria levado à formação de novos centros e à integração progressiva de periferias, num processo de transformação contínua entre 2500 e 1100 a.C. A limitação desta interpretação decorre de uma visão excessivamente generalizante, que ignora variações locais, resistências e formas diversas de organização da produção e consumo em diferentes sociedades, além de desconsiderar as desigualdades existentes entre os agentes envolvidos nas trocas¹¹⁶.

Autores como Eric Cline e A. Bernard Knapp têm destacado que as trocas entre Egito, Egeu, Levante, Chipre e Anatólia, no final da Idade do Bronze, faziam parte de um sistema complexo, com diferentes camadas de interação e que foram se estruturando lentamente ao longo do período. Knapp (1998) inova ao destacar o papel dos artesãos viajantes e o da mobilidade artística, destacando que a circulação de motivos iconográficos, materiais exóticos e técnicas artísticas era utilizada para reforçar o prestígio e a autoridade das elites, que controlavam ou monopolizavam o acesso a esses recursos que funcionavam como símbolos de distinção cultural. Paulatinamente, as relações diretas entre elites, evidenciadas por meio de presentes

¹¹⁶ Algumas críticas, especialmente às ideias de Susan Sheratt, podem ser encontradas em CHERRY, 2009, p. 130-132.

diplomáticos e missões formais, passaram a ocorrer ao lado de redes indiretas mantidas por mercadores, artesãos e intermediários regionais. Chipre e o Levante, longe de serem apenas pontos de passagem, atuavam como agentes ativos nessas dinâmicas, com capacidade de controlar rotas e redirecionar fluxos. O Mediterrâneo oriental aparece, assim, como um espaço de conectividade estruturada, em que os vínculos variavam em intensidade e forma conforme o contexto político e os bens em circulação.

Esse panorama ganha concretude quando nos deparamos, por exemplo, com o emblemático caso do naufrágio de Uluburun, datado do fim do século XIV a.C. Em 1982, um mergulhador encontrou, na costa turca, um navio que transportava uma absurda variedade de materiais, como lingotes couro de boi, estanho da Ásia Central, objetos de vidro egípcio, cerâmicas do Egeu, marfim africano, âmbar do Báltico, além de bens de prestígio como escaravelhos, selos e objetos de ouro. Esta carga é considerada uma das evidências mais contundentes da interconectividade do Mediterrâneo, uma vez que revelou não apenas a amplitude geográfica das redes de troca, mas também a existência de bens de natureza distinta, que iam desde matérias-primas a produtos manufaturados e itens com valor simbólico ou diplomático. Há evidências, inclusive, de que emissários diplomáticos estariam a bordo, o que demonstra que elites, comerciantes e intermediários poderiam atuar simultaneamente.

À guisa de conclusão: e a História Global?

Surgida da convicção de que os métodos tradicionais de análise histórica, marcados pelo internalismo metodológico e eurocentrismo morfológico (CONRAD, 2016), já não davam conta de compreender adequadamente o passado, a História Global pode ser definida como uma “forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais” (CONRAD, 2016, p. 16). Trata-se de uma forma particular de se olhar a história, por meio da qual é possível escrever a história de espaços demarcados, “mas com a consciência da existência de conexões e condições estruturais ao nível global” (CONRAD, 2016, p. 26).

Como bem demonstram Morales e Silva (2020), há diversas confluências entre a História Global e a História Antiga, especialmente no que diz respeito à crítica ao eurocentrismo e ao internalismo metodológico, demonstrando de que forma

tendências já presentes no campo da História Antiga adiantam ou complementam as discussões proporcionadas pelo enfoque da História Global. Esta percepção ajuda a reposicionar a História Antiga como campo fértil de experimentação historiográfica, e não apenas objeto de renovações metodológicas trazida "de fora", como é o caso da História Global.

É importante salientar que a aplicação do enfoque da História Global às interações entre o Egito e o Egeu no segundo milênio a.C. não representa, propriamente, uma inovação no campo da historiografia da Antiguidade, mas vem ao encontro de abordagens desenvolvidas sobretudo no âmbito da arqueologia do Mediterrâneo. O que se convencionou chamar de "giro global" consiste, em grande medida, na consolidação de uma perspectiva que toma a interconectividade como ponto de partida analítico, reorganizando práticas interpretativas anteriormente dispersas.

Desde os anos 1980, autores como C. Renfrew e J. Cherry (1986) passaram a questionar os modelos tradicionais centrados em centros hegemônicos e difusão cultural unidirecional. Em substituição, propuseram interpretações baseadas na circulação de bens, técnicas e informações entre diferentes sociedades do Mediterrâneo oriental, sem que isso implicasse relações de dependência ou subordinação. Essa reorientação metodológica já permitia compreender as civilizações minoica, micênica, egípcia, cipriota e levantina como participantes de um conjunto articulado de trocas, em que objetos, práticas e ideias eram adaptados e ressignificados localmente. A isso, somem-se as contribuições da Arqueologia Pós-Processual, como as de Ian Hodder (2012) e a perspectiva do emaranhamento (*entanglement*).

Com os trabalhos de autores como os já mencionados Horden e Purcell, consolidou-se a noção de um Mediterrâneo caracterizado por conexões múltiplas, estruturadas em diferentes escalas e integradas por vias comerciais, vínculos diplomáticos e práticas culturais compartilhadas. Essa perspectiva favoreceu o abandono das categorias civilizacionais rígidas, ao demonstrar que as fronteiras entre culturas eram permeáveis e sujeitas a reconfigurações constantes.

Diante do exposto, podemos afirmar que o olhar da História Global permite compreender o Mediterrâneo oriental como uma região marcada por interações

constantes entre diferentes sociedades, nas quais o Egito, o mundo egeu e outras culturas do Levante e da Anatólia participavam de redes de contato mútuo e, por vezes, também desiguais. Em vez de interpretar essas relações a partir de modelos hierárquicos, com civilizações centrais que difundem sua influência para periferias passivas, essa abordagem destaca a existência de intercâmbios mais equilibrados e recíprocos. O foco desloca-se das identidades culturais fixas para os processos de contato, mediação e adaptação, permitindo analisar práticas diplomáticas, trocas de objetos de prestígio e a circulação de conhecimentos como elementos fundamentais da política e da vida social no mundo antigo.

No entanto, embora a aplicação do enfoque da História Global às interações entre o Egito e o Egeu no segundo milênio a.C. dialogue com tendências já desenvolvidas desde a década de 1980, é importante reconhecer que, no caso específico das relações egípcio-egeias, esse olhar ainda não se consolidou plenamente. Persistem abordagens que privilegiam interpretações difusionistas ou meramente estilísticas, centradas na identificação de influências unilaterais ou na análise formal de motivos iconográficos, sem considerar em profundidade os contextos sociais, políticos e econômicos que estruturam essas interações¹¹⁷.

Dessa forma, a História Global, quando aplicada ao estudo das relações entre Egito e Egeu, pode não inaugurar um novo campo empírico, mas ajuda a conferir unidade teórica e coerência interpretativa a linhas de pesquisa que há décadas operam com conceitos como circulação, mobilidade e conexão. Ao enfatizar as interações regionais, essa abordagem contribui também para a revisão crítica de narrativas teleológicas e nacionalistas que, durante muito tempo, serviram como forma para a História Antiga (GUARINELLO, 2003), oferecendo uma compreensão mais dinâmica, relacional e contextualizada dos processos históricos.

¹¹⁷ Um trabalho pioneiro neste sentido parece ser a tese de doutorado de L. Dautais, defendida em 2024, na qual o autor se propôs a uma reavaliação abrangente e diacrônica das interações entre o Egito faraônico e o mundo egeu proto-histórico entre os séculos XVIII e XIV a.C. Por se tratar de um trabalho recém-defendido e ainda não publicado ou disponibilizado em repositórios digitais, infelizmente não conseguimos, até o fechamento deste artigo, acesso ao texto integral da tese.

Fontes

BIETAK, M. Minoan wall-paintings unearthed at ancient Avaris, *Egyptian Archaeology*, 2, 26-28, 1993.

EVANS, A. *The Palace of Minos: A Comparative Account of the Successive Stages of the Early Cretan Civilization as Illustrated by the Discoveries at Knossos*. 4 volumes. New York: Cambridge University Press, 1921-1935.

KEMP, B. ; MERRILLEES, E. *Minoan Pottery in Second Millenium Egypt*. Mainz am Rhein : P. von Zabern, 1980.

PENDLEBURY, J. *Aegyptiaca: A Catalogue of Egyptian Objects in the Aegean Area*. Cambridge: Cambridge University Press, 1930.

PHILLIPS, J. S. (org.). *Aegyptiaca on the Island of Crete. In their chronological context: a critical review*. 2 v. In.: BIETAK; M.; HUNGER, H. *Contributions to the chronology of the Eastern Mediterranean*. V. XVIII. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008

Bibliografia

ALLEGRETTE, A. H. Contatos entre Chipre e Creta no período do bronze médio (2000-1600 a. C.). *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 1993, p. 297-302.

BERNAL, M. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. New Brunswick, NJ: Rutgers, 1987. 3v.

CARDOSO, C. F. A economia e as concepções econômicas no Egito faraônico: síntese de alguns debates. *História Econômica & História de Empresas*, v.1, p. 151-178, 2003.

CHERRY, J. F. Sorting out Crete's Prepalatial Off-Island Interactions. In.: PARKINSON, W. A.; GALATY, M. L. (eds.). *Archaic State Interaction*. Santa Fe: School for Advanced Research Press, 2009. P. 107-140.

CLINE, E. H. Contact and trade or colonization: Egypt and the Aegean in the 14th-13th centuries B.C. *Minos - Revista de Filología Grega*, 1990-1991, p. 7-36.

_____. *1177 A.C. - O ano em que a civilização entrou em colapso*. São Paulo: Avis Rara, 2023.

CROWLEY, J. *The Aegean and the East: An Investigation into the Transference of Artistic Motifs between the Aegean, Egypt, and the Near East in the Bronze Age*. Studies in Mediterranean Archaeology and Literature. Jonsered: Paul Aströms, 1989.

DA SILVA, U. G.; MORALES, Fabio Augusto. História Antiga: afluentes e confluências. *Revista Brasileira de História*, n. 40 (83), Jan-Abr 2020.

DAUTAIS, L. Henry R. H. Hall (1873-1930), proto-historien des Egypto-Aegean studies, *Dialogues d'histoire ancienne*, supplément 29, 2025, p. 85-116.

_____. *L'Égypte et le monde égéen (XVIIIe s. - mil. XVe s. av. n. è.): des lamentations d'Ipouour à la chute de Cnossos*. Tese (Doutorado). Faculté de philosophie, arts et lettres, Louvain, Université Catholique de Louvain, 2024.

DAVIS, A. L. *Egyptian and Minoan Relations during the Eighteenth Dynasty/Late Bronze Age*. Tese (Doutorado). Departamento de Egiptologia e Assiriologia, Providence, Brown University, 2008.

FINLEY, M. I. *A economia antiga*. Porto: Afrontamento, 1980.

FRIZZO, F. Imperialismo faraônico e exploração econômica no Levante do Bronze Tardio, *Estudos Internacionais*, Belo Horizonte, v.6, n.2, 2018, p. 43-64.

GUARINELLO, N. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politeia*, Vitória da Conquista, BA: Uesb, v. 3, n. 1, 2003.

HÄGG, R.; MARINATOS, N. (eds.) The Minoan Thalassocracy: Myth and Reality. *Proceedings of the Third International Symposium at the Swedish Institute in Athens*, Estocolmo, 1984.

HARRIS, W.V.(org.). *Rethinking the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HODDER, I. *Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things*. Wiley-Blackwell: Malden, 2012.

HORDEN, P. ; PURCELL, N. *The corrupting sea : study of Mediterranean history*. Oxford : Blackwell, 2000.

KNAPP, A. B. Thalassocracies in Bronze Age Eastern Mediterranean Trade: Making and Breaking a Myth, *World Archaeology*, v.24, n.3, fev 1993.

_____. Mediterranean Bronze Age Trade: Distance, Power and Place. In.: CLINE, E.; HARRIS-CLINE, D. (eds.). *The Aegean and the Orient in the Second Millenium*.

Proceedings of the 50th Anniversary Simposium, Cincinnati, *Aegaeum*, Liège, 1997.

MATIC, U. Aegeans emissaries in the tomb of Senenmut and their gift to the Egyptian king, *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, Vol. 7:4, 2015, p. 38-52.

_____. Helene J. Kantor and the Aegean-Egyptian Interconnections: Theoretical and Methodological Background of Her Work and Its Legacy. In.: LACOVARA, P. *A Legacy of Learning in Near Eastern Archaeology*. Bicester: Archaeopress, 2025.

MONZANI, J. C. Creta e a integração do Egeu ao Mediterrâneo oriental no 2o milênio a.C. In.: PORTO, V. (ed.). *Arqueologia hoje: tendências e debates*. São Paulo: MAE USP, 2019.

MORRIS, I. Mediterraneanization. *Mediterranean Historical Review*, v. 18, n. 2, p. 30-55, Dec. 2003.

RENFREW, C.; CHERRY, J. (eds). *Peer Polity Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SCHACHERMEYER, F. *Ägäis und Orient*. Österreichische Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse, Denkschriften, 93, 1967.

SMITH, W. S. *Interconnections in the Ancient Near East: A Study of the Relationships between the Arts of Egypt, the Aegean, and Western Asia*. New Haven: Yale University Press, 1965.

STEEL, L. Egypt and the Mediterranean World. In.: WILKINSON, Toby. *The Egyptian World*. London: Routledge, 2007.

VERCOUTTER, J. Essai sur les relations entre Égyptiens et Préhellènes. Paris, 1954.
_____. L'Égypte et le Monde Égéen Préhellenique. Études critiques des sources égyptiennes (du début de la XVIII à la fin de la XIX dynastie. *BdE* 22, 1956.

WARD, W. A. *Egypt and the East Mediterranean World, 2200–1900 B.C.* Studies in Egyptian foreign relations during the First Intermediate Period. Beirute: American University of Beirut, 1971.

WARREN, P. M. Minoan Crete and Pharaonic Egypt. In.: DAVIES, W.; SCHOFIELD, L. (ed.). *Egypt, the Aegean and the Levant*. Interconnections in the Second Millenium BC. London: British Museum Press, 1992.

SHERATT, A.; SHERATT, S. From luxuries to commodities: The nature of Mediterranean Bronze Age trading systems. In.: GALE, N. H. (ed.) *Bronze Age Trade in Mediterranean*. Jonsered: Paul Aströms Förlag, 1991, pp. 351-386.

SOMBART, W. *Luxury and Capitalism*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1967.

WEBER, M. *The City*. New York: The Free Press, 1966.

WACHSMANN, S. Aegeans in Teban Tombs. *Orientalia Lovaniensia Analecta* 20.

Leuven: Uitgeverij Peeters, 1987.

WARREN, P.M.; HANKEY, V. *Aegean Bronze Age Chronology*. Bristol: Bristol Classical Press, 1989